

## Capítulo 2

### **Urdindo os fios do texto**

2.1. Da metodologia

2.2. A propósito do *pássaro-tecelão*

2.3. O *paradigma indiciário*

2.4. O conceito de *consciência possível*

*“Do exposto sobre a definição da área de assunto ou escopo da Informática, segue-se que esta última pertence à categoria das ciências sociais, desde que seu objeto de estudo, i.é., atividades de informação científica, é um fenômeno peculiar que ocorre unicamente na sociedade humana.”*<sup>68</sup>

## 2.1. Da metodologia

Bunge<sup>69</sup> tem uma opinião muito rigorosa com relação à existência de “teoria” nas ciências sociais: nesta área, seria mais comum encontrarmos quadros teóricos, ou contexto, que ele define como,

“... um conjunto de proposições referentes a um mesmo domínio (p.ex., sociedades humanas) contendo certos conceitos (p.ex., os de classe social e *anomia*) que constituem um grupo homogêneo, no sentido de que todos eles se referem ao mesmo domínio. ... devido a esta referência comum, um contexto, sem ser uma teoria propriamente dita, possui um grau de organização muito superior ao de um conjunto de proposições tomadas ao acaso. De fato, as proposições de um quadro teórico ou contexto podem ser negadas e combinadas, seja disjuntiva seja conjuntivamente, sem que resultem proposições estranhas ao contexto. ... Um contexto serve então de matéria-prima para elaboração de teorias, uma vez que obteremos cada uma destas selecionando proposições do contexto e, em particular, guardando tão somente aquelas que constituam um conjunto coerente (não contraditório)”<sup>70</sup>.

Por sua vez,

“... uma doutrina é um corpo de idéias suscetível de ser transmitido ou ensinado. Ao contrário, uma *teoria* é uma doutrina muito especial: é um sistema

---

<sup>68</sup> MIKHAILOV, A.I., CHERNYI, A.I., GILYAREVSKII., 1969, p.11.

<sup>69</sup> BUNGE, M., 1980

<sup>70</sup> BUNGE, M., idem, p.160. Termos em itálico, no original.

hipotético-dedutivo, ou seja, um corpo de idéias organizado logicamente. Mais precisamente, ... é um conjunto de proposições, todas elas referentes a um dado assunto ... e tais que cada uma delas é ou uma premissa (p.ex., uma hipótese) ou uma consequência lógica de outras proposições da teoria. Finalmente, uma *teoria científica* é ... comprovável empiricamente, ou pelo menos convertível ... numa teoria verificável mediante dados observacionais ou experimentais. ...”<sup>71</sup>

Em geral, uma teoria resume os conhecimentos existentes sobre um dado fenômeno, oferecendo uma explicação para eventos e relações observados e uma previsão para a ocorrência de eventos e relações ainda não observados, com base nos seus próprios princípios explanatórios. Entretanto, as teorias têm caráter provisório, sendo aceitas na medida de sua coerência semântica e do valor de verdade de suas predições e enquanto representarem modos eficazes de explicar os fatos observados. Por sua vez, para um cientista um “fato” seria uma observação empiricamente verificada e uma teoria sobre “fatos” se refere à relação entre eles ou à sua ordenação significativa. Assim, a teoria é um instrumento de trabalho que pertence à ordem simbólica e sua linguagem é construída especificamente para isto, envolvendo conceitos de tipo *semântico*, que se referem a aspectos dos fenômenos, e conceitos de tipo *sintático*, cujo papel é o de articular outros conceitos.

Dois aspectos se destacam na teoria: o conceitual, de explicitação do sentido, e o proposicional, de formulação lógica. A formulação obedece ao princípio de redução — que permite a delimitação do objeto de estudo —, enquanto a explicitação obedece ao princípio da compreensão, que se propõe dar às hipóteses sua pertinência mais ampla<sup>72</sup>. Enquanto “quadro de formulação”, uma teoria comporta um sistema de proposições obedecendo ao critério de coerência formal exigido pela concatenação e coligação de todas as proposições da teoria em um conjunto articulado e não-contraditório; como “quadro de explicitação”, a teoria manifesta sua consistência semântica e seus conceitos fundamentais, ou primitivos, devem ser homogêneos, pertencendo a

---

<sup>71</sup> BUNGE, M., idem, p.161. Termos em itálico, no original.

<sup>72</sup> BUNGE, M., 1974

“famílias semânticas” equivalentes, articulados e conectados entre si e distribuídos na rede de proposições. Assim, por um lado a explicitação conceitual manifesta unidade material da teoria, permitindo-lhe realizar operações referenciais sobre seus objetos de investigação; por outro, a formulação proposicional confere à teoria sua unidade formal, permitindo-lhe realizar operações sintáticas no interior de seus objetos de análise.

Para Bunge, entretanto, o mais importante é que o sistema teórico tenha uma coerência semântica interna que o dote de instrumentos de abordagem dos fatos, de modo a propor interpretações e permitir experimentos nos quais essa coerência possa ser testada e validada. Pois embora cada tipo de atividade científica aborde uma ou outra classe de objetos, nenhuma teoria reproduz diretamente a experiência: primeiro, porque toda teoria é constituída através de conceitos e estes conceitos, longe de serem empíricos (isto é, observáveis) são *construtos* intelectuais (isto é, transcendem à observação); segundo, porque os conceitos constitutivos são relativamente poucos em cada teoria e referem-se muito mais a aspectos escolhidos na experiência subjetiva ou objetiva, do que a um sistema físico real em todos os pormenores<sup>73</sup>.

Como conjunto explicativo coerente, a teoria pretende garantir uma explicação baseada, o mais possível, nos fatos que as hipóteses se propõem representar; e como conjunto hipotético testável, um sistema teórico deve poder ser contestado em sua totalidade pelos fatos que investiga, sendo seu teste empírico uma exigência primordial. Enquanto conjunto significativo pertinente, todo sistema teórico é, em última instância, relativo a uma problemática, o que significa que deve referir-se efetivamente à realidade que visa interpretar.

A proposta de abordagem de problemas tem sido uma característica metodológica da ciência da informação, como mostra Saracevic:

“... Popper, em 1972, sugeriu que ‘não somos estudantes de assuntos mas estudantes de problemas’<sup>74</sup>. [Nessa perspectiva,] a ciência da informação, como qualquer outro campo, é definida pelos problemas que aborda e pelos métodos que escolheu, com o passar do tempo, para resolver esses problemas.”<sup>75</sup>

Esta já era a visão de Mikhailov e colaboradores, quase vinte cinco anos antes, quando reconheciam que

“... À medida que se acumulou e generalizou a experiência prática obtida nas atividades de informação científica, tornou-se mais profundo o nosso conhecimento sobre a própria informação científica, sobre as características específicas de sua geração, transferência e utilização, sobre métodos e meios de processar informação científica, etc. Mais importante ainda, aumentou a consciência da extrema complexidade do fenômeno que não se coaduna com esquemas simplificados construídos à base da lógica formal ou chamado “senso comum”...”.<sup>76</sup>

Recentemente, Saracevic<sup>77</sup> coloca que os problemas de informação, enquanto fenômeno da comunicação humana, não podem ser abordados dentro de uma única área da atividade científica. Por isso, torna-se necessário o desenvolvimento de abordagens teóricas e metodológicas que favoreçam a interdisciplinaridade e permitam o relacionamento da ciência da informação com outros campos científicos. Para ele, isto significa que

“... a característica interdisciplinar da ciência da informação não precisa ser procurada, está lá, no âmago do próprio campo científico. ...

[Certamente] a ciência da informação não é o único campo que trabalha com problemas de informação. [Atualmente,] trocas significantes estão acontecendo

---

<sup>73</sup> BUNGE, M., idem, p.159 a 183

<sup>74</sup> Neste ponto, o autor faz referência a: POPPER, K.R. *Conjectures and refutations: The growth of scientific knowledge*. 4th rev ed. New York: Basic Books, 1972.

<sup>75</sup> SARACEVIC, T., 1995. Uma versão foi apresentada no evento "Information 2000: An Interdisciplinary Future. A Conference for Students and Professionals in the Information Professions", na University of North Texas, em Denton, de 14 e 15 de julho, 1994, sob o título "Interdisciplinary Nature of Information Science: Where it Came From and Where is it Going" sendo publicada nos *Anais*.

<sup>76</sup> MIKHAILOV, A.I.; CHERNYI, A.I.; GILYAREVSKYI, R.S., 1980, p. 71-72

<sup>77</sup> SARACEVIC, T, 1996

entre vários campos científicos que abordam os mesmos problemas de informação, ou semelhantes, de formas bastante diferentes. A ciência da informação definitivamente deveria unir esses campos.”<sup>78</sup>

Mostafa reitera o reconhecimento da característica interdisciplinar que distingue a ciência da informação, formulando sua abordagem de uma perspectiva epistemológica como uma contingência e um paradoxo, pois

“... Contraditoriamente, ciência da informação é uma disciplina. Como entender esta relação ? ...

... Ser uma disciplina é se aproximar da realidade com uma certa disciplina. São os recortes possíveis. ... É a comunidade científica (e apenas ela) quem define onde fazer os cortes e como encaminhar métodos de estudar os pedaços recortados do real. ... Os espaços que sobram entre os cortes ... são espaços interdisciplinares. ... A interdisciplinaridade ... é a contradição inevitável gerada pela hiper-racionalização a que chegou a ciência moderna. Produto e resultado da dispersão do conhecimento. ...”<sup>79</sup>

Para Demo, se a “disciplinarização” pode ser vista como especialização do conhecimento científico (para ele sinônimo de “ciência”), seu processo oposto, “interdisciplinarização”, poderia ser compreendido como um retorno à figura do “sábio universal”, do generalista entre especialistas. Mas ele assinala que a complexidade da realidade aponta para o fato de que “generalidades” e “interdisciplinaridade” também estão distantes uma da outra, sendo esta última

“... mais facilmente encontrável no plano metodológico, desde que não defendamos áreas estanques do conhecimento, porque “fazer ciência” é o mesmo desafio para todos, ainda que historicamente sejam sempre cabíveis respostas localizadas. ... Nesse sentido, é equívoco total esperar da interdisciplinaridade alguma “facilidade” em termos de reconstrução do conhecimento. ...”<sup>80</sup>

Aqui, faz-se necessário um parêntese para explorarmos um pouco mais a questão da “reconstrução” do conhecimento na perspectiva de Demo, que

---

<sup>78</sup> SARACEVIC, T., 1995

<sup>79</sup> MOSTAFA, S.P., 1995

reflete muitos aspectos da nossa própria visão sobre o assunto e nos auxiliará no “desenho” da tessitura do presente trabalho. Para ele,

“... **reconstruir** conhecimento significa ... **pesquisar** e **elaborar**, impreterivelmente. [Nesse contexto,] **Pesquisa** é entendida tanto como procedimento de fabricação do conhecimento, quanto como procedimento de aprendizagem (princípio científico e educativo), sendo parte integrante de todo processo reconstutivo de conhecimento”.<sup>81</sup>

Embora considerando “pouco útil” a distinção entre “teoria e prática” na reconstrução do conhecimento — “pela razão de que o conhecimento científico é o que existe de mais prático em nossas sociedades”<sup>82</sup> —, Demo distingue quatro tipos de pesquisa:

“a) ... **teórica**, ... dedicada a reconstruir teorias, conceitos, idéias, ideologias ... em outro patamar e momento;

b) ... **metodológica**, ... dedicada a inquirir métodos e procedimentos a serviço da cientificidade, polêmicas e paradigmas metodológicos, usos e abusos ...

c) ... **empírica**, ... dedicada a tratar a face empírica e fatural da realidade, de preferência mensurável; ...

d) ... **prática**, ... ligada à práxis, ou seja, à prática histórica em termos de usar conhecimento científico para fins explícitos de intervenção<sup>83</sup>; nesse sentido, não esconde sua ideologia; ao contrário, reconstrói conhecimento a serviço de certa ideologia, sem com isso necessariamente perder de vista o rigor metodológico; alguns métodos ditos qualitativos advogam essa direção, em particular a pesquisa participante e, em certa medida, a pesquisa-ação<sup>84</sup>; ...”<sup>85</sup>

---

<sup>80</sup> DEMO, P., 2000, p.73

<sup>81</sup> DEMO, P., idem, p.19. Termos em negrito, no original. O autor se refere a DEMO, P. *Questões para a teleducação*. Petrópolis: Vozes, 1998

<sup>82</sup> DEMO, P., idem, p.20

<sup>83</sup> A colocação de Demo está apoiada em: VASQUEZ, A.S. *Ciência e revolução: o marxismo de Althusser*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980; VASQUEZ, A.S. *Filosofia da praxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977; BORNHEIM, G.A. *Teoria, praxis*. Porto Alegre: Globo, 1983; e CHATELET, F.F. *Logos e praxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

<sup>84</sup> Demo faz referência a: SILVA E SILVA, M.Z.; SOUZA, S.M.P.S. *Prática de investigação-ação*. São Paulo: Cortez, 1984; THIOLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo,

Este último ponto, que fecha nosso parêntese, lembra as colocações de Goldmann sobre a interferência da subjetividade nas *ciências sociais*, uma vez que, diferentemente das *naturais*, que analisam o resultado da ação humana sobre o mundo, aquelas analisam essa própria ação, sua estrutura, motivações e alterações. Dessa diferença, para ele de natureza essencialmente metodológica, segue-se que

“a) *O processo do conhecimento científico é ele próprio um fato humano, histórico e social*; isso implica, ao estudar a vida humana, *a identidade parcial entre o sujeito e o objeto do conhecimento*. Eis porque o problema da objetividade se coloca diferentemente nas ciências humanas do que na física ou na química;

b) Sendo o comportamento um fato *total*<sup>86</sup>, as tentativas de separar seus aspectos “material” e “espiritual” não podem ser, no melhor dos casos, senão abstrações provisórias, sempre implicando grande perigo para o conhecimento”.<sup>87</sup>

É a antiga questão da “cientificidade” da pesquisa social, colocada por Demo em outros termos:

“... Do ponto de vista dialético<sup>88</sup>, conhecimento científico encontra seu distintivo maior na paixão pelo questionamento, alimentado pela dúvida metódica. ... Os resultados do conhecimento científico, obtidos pela via do questionamento, permanecem questionáveis, por simples coerência de origem. Antes de mais nada, cientista é quem duvida do que vê, se diz, aparece, e, ao mesmo tempo, não acredita poder afirmar algo com certeza absoluta. ... No contexto da unidade de contrários, o caminho que vai é o mesmo que volta; criticar e ser criticado são, essencialmente, o mesmo procedimento metodológico ... Questionar, entretanto, não é apenas resmungar contra, falar

---

Cortez, 1986; e DEMO, P. *Investigación participante: mito y realidad*. Buenos Aires: Kapelusz, 1985

<sup>85</sup> DEMO, P., 2000, p.20 a 22. Termos em negrito, no original.

<sup>86</sup> Neste ponto, o autor apresenta uma nota explicativa: “Trata-se, e isso é óbvio, de uma totalidade *relativa* que não é senão um elemento da totalidade homens-natureza.” GOLDMANN, L., 1979 (a), p.27. Termo em itálico, no original.

<sup>87</sup> GOLDMANN, L., *idem*, p.27 e 28. Termos em itálico, no original.

<sup>88</sup> Abordagem explicitamente adotada na presente tese.



mal, denegrir, mas articular discurso com consistência lógica e capaz de convencer<sup>89</sup>

Neste ponto da nossa explanação sobre metodologia, começamos a vislumbrar um “sistema de navegação” que orientará nossa viagem pelo complexo território do conhecimento científico, no presente exercício. Esta “rota” não nos é totalmente desconhecida, pois durante nosso aprendizado tivemos oportunidade de tecer uma rede, a partir dos conceitos de *informação*<sup>90</sup>, *consciência possível*<sup>91</sup>, *campo científico*<sup>92</sup> e *desviante secreto*<sup>93</sup>, para apreender uma determinada situação histórica na perspectiva da ciência da informação.<sup>94</sup>

O *desviante secreto* do texto é Charles Darwin, autor da tese que revolucionou a ciência biológica em meados do século XIX, mantida por ele em segredo durante mais de duas décadas. Vivendo no período áureo da sociedade inglesa vitoriana, Darwin parece ter sido um desses casos–limite onde o *desviante* consegue superar a barreira de comunicação no grupo social e engendra uma nova regra. Na perspectiva de Khun<sup>95</sup>, trata-se de uma situação na qual se estabelece um novo paradigma, um novo modelo de aproximação da realidade, válido para uma área da ciência ou para toda a atividade científica.

---

<sup>89</sup> DEMO, P., *idem*, p.25 e 26

<sup>90</sup> Informação foi definida como “[uma estrutura] capaz de [transformar] estruturas”, conforme BELKIN, N.J.; ROBERTSON, S.E., 1976. p.197 e 198.

<sup>91</sup> O qual será definido no item 2.4 do presente capítulo.

<sup>92</sup> Já definido no capítulo 1, ver nota 21.

<sup>93</sup> Para Becker, “... o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete ... mas uma consequência da aplicação por outras pessoas de regras e sanções a um 'transgressor'. O desviante é alguém a quem aquele rótulo foi aplicado com sucesso ...”. BECKER, H., 1977, p.60. Na situação de *desviante secreto*, um ato impróprio é cometido mas como ninguém nota ou reage a ele não é percebido como uma violação às regras.

<sup>94</sup> FREIRE, I.M., 1996

<sup>95</sup> KUHN, T.S., 1994

No exercício sobre Darwin<sup>96</sup>, abordamos o problema da comunicação da informação científica inserido em um processo histórico mais amplo de *desorganização de uma estrutura significativa* (a estrutura de classes dominante na sociedade inglesa, rural e clerical) e *organização de uma nova estrutura social* (acompanhada de uma visão de mundo industrial e laica). Aquele momento histórico (meados do século XIX) tornou-se propício para tornar pública a tese secreta de Darwin, pois

“... a base social da ciência estava mudando visivelmente. Como se tornara um especialista em zoologia, Charles agora estava habilitado a falar sobre a origem das espécies e em artigo no *American Journal of Science*, em 1854, menciona a questão.

Publicando monografias e artigos de periódicos, participando de sociedades e eventos científicos, promovendo reuniões e sugerindo, através de correspondência, uma nova visão teórica a outros cientistas, Darwin produziu o 'capital social' que o credenciou como 'autoridade científica' no grupo dos produtores de ciência. Esse processo é visto por Bourdieu como uma luta concorrencial em um dado espaço social, denominado *campo científico*, e, como em outros campos da atividade humana, também na produção da ciência as pessoas interagem movidas pelo interesse de transmitir suas informações e, com elas, vir a alterar as estruturas do mundo real.

Bourdieu destaca que o funcionamento do campo científico "*produz e supõe uma forma específica de interesse*", por isso os julgamentos de mérito sobre a capacidade ou competência científica de um pesquisador "*estão sempre contaminados*", no decorrer de sua carreira profissional, pelo conhecimento de sua posição nas hierarquias instituídas. Como as práticas estão orientadas para a aquisição de "autoridade científica", o "interesse" por uma atividade científica terá sempre uma face dupla, pois na busca da "autoridade", do valor do capital social acumulado, um cientista ou grupo de cientistas, usará todas as estratégias possíveis para exercer o domínio sobre um determinado campo da atividade científica.

---

<sup>96</sup> FREIRE, I.M., idem. O tema foi objeto de um seminário na disciplina *Comunicação e Desvio III*, sob a responsabilidade da professora doutora Ester Kosovski, no Doutorado em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ, no segundo semestre de 1995. Apresentamos, também, *comunicação* na 3ª Jornada de Pesquisadores em Ciências Humanas, promovida pelo Centro de Filosofia e Ciência Humanas da UFRJ (agosto de 1996).

*"Um cientista procura fazer as pesquisas que ele considera importantes. Mas a satisfação intrínseca e o interesse não são suas únicas motivações. Isto transparece quando observamos o que acontece quando um pesquisador descobre uma publicação com os resultados a que ele estava quase chegando: fica quase sempre transtornado, ainda que o interesse intrínseco de seu trabalho não tenha sido afetado. Isto porque seu trabalho não deve ser interessante somente para ele, mas deve ser também importante para os outros".<sup>97</sup>*

A "autoridade científica" é, pois, uma espécie particular de *capital social* que assegura poder sobre os mecanismos constitutivos do campo e pode ser reconvertido em outras espécies de capital. Conforme Bourdieu, a luta por esse valor social deve o essencial de suas características ao fato de que quanto maior a autonomia do campo, mais especializados serão os produtores [cientistas] dos quais um produtor particular espera obter reconhecimento. Certamente, esse público de produtores concorrente entre si poderia não reconhecer o valor de um dado produtor sem discussão ou sem um exame acurado de suas proposições.

Assim, nessa luta por posições mais "autorizadas/legítimas", está sempre em jogo o poder de impor uma definição de ciência que seja adequada aos interesses de um dado pesquisador, ou grupo de pesquisadores, que busca exercer domínio nesse campo científico. Essa "definição" buscará sua "autoridade", ou *capital social*, através da divulgação em meios de comunicação específicos ... que constituem uma rede para a transferência da informação nas diversas áreas do conhecimento científico.

A história do desvelamento do segredo de Darwin, ao longo de vinte anos de transformações na estrutura social da Inglaterra (com suas conseqüências sobre a visão do mundo e o comportamento da classe social emergente), mostra que a dinâmica do campo científico supera a imposição da estrutura de reprodução da ação social pois coube ao próprio Darwin ajudar a mudar a regra da qual poderia ser "acusado" de transgredir. Por outro lado, confirma a relevância da comunicação da informação no campo científico, seja como forma de acumular o capital social que legitima o discurso científico de um pesquisador ou de um grupo de pesquisadores, seja como meio de *transformar* as estruturas do conhecimento em outros cientistas.

[Isso se torna possível] porque a regra nesse campo é encontrar novas abordagens para problemas antigos e nesse processo os cientistas buscam e

---

<sup>97</sup> BOURDIEU, P., 1994, p.125

comunicam novas informações como forma de alterar as estruturas de conhecimento e poder social no campo. ...”<sup>98</sup>

Todos os conceitos aplicados no exercício sobre a situação de Darwin foram relevantes para *compreensão* e *explicação*<sup>99</sup> da situação que tomamos como objeto de estudo: o fato de um cientista ter ocultado dos seus pares, por longo período de tempo, uma descoberta relevante para sua área de pesquisa. Nessa abordagem, enquanto o conceito de campo científico tem uma aplicação de caráter mais metodológico, definindo os limites do domínio (o grupo de atores sociais), os demais conceitos desempenham função teórica. Nos termos de Bunge, elaboramos um “contexto”, usando como proposições os conceitos de *consciência possível*, *campo científico* e *informação*, para observar o resultado da aplicação de uma “teoria” (*ação social*, de Becker) a um dado problema, adotando uma “doutrina” como método (o *estruturalismo genético*, de Goldmann).

Para o presente trabalho, adotamos o método definido como *indiciário*, e adotamos o modelo de abordagem da ciência da informação, proposto por Wersig<sup>100</sup>, durante a conferência científica de Tampere. No seu texto, ele sugere a imagem do *pássaro-tecelão*<sup>101</sup> como metáfora para o campo da

---

<sup>98</sup> FREIRE, I.M., idem. Excertos do texto original.

<sup>99</sup> *Compreensão* e *explicação* são dois aspectos complementares do método estruturalista genético proposto por Goldmann: a *compreensão* diz respeito à descrição de uma estrutura significativa (que tem uma função social para os indivíduos de um dado grupo) e da relação entre seus elementos internos (lembrando que se trata de uma estrutura parcial que faz parte de estruturas significativas maiores); o processo de descrição das estruturas abrangentes, por sua vez, tem um valor de *explicação* em relação à estrutura englobada. GOLDMANN, L., 1976.

<sup>100</sup> International Conference for the celebration of 20<sup>th</sup> anniversary of the Department of Information Studies, University of Tampere, Finland, 26-28, 1991. Pinheiro afirma que “... os trabalhos desta reunião equivalem, nos anos 90, aos da reunião da FID que seria realizada em Moscou [em 1968] tanto pela temática quanto pela presença de alguns dos mais renomados professores, pesquisadores e especialistas da Ciência da Informação, além de mais de 100 participantes de 17 países. ...” PINHEIRO, L. V. R., 1997, p.139

<sup>101</sup> *Pássaro-tecelão*. s.m. Qualquer pássaro da numerosa família *Ploceidae*, que vive principalmente na África e na Ásia, conhecido por construir seus ninhos mediante entrelaçamento de diversos materiais retirados do meio ambiente onde habitam. WEBSTER’S ENCYCLOPEDIA UNABRIDGED DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE. New Jersey: Gramercy Books, 1989

ciência da informação — que poderia vir a tornar-se um *tear para tecer conceitos científicos* na abordagem dos problemas da informação, na sociedade contemporânea<sup>102</sup>. A partir deste ponto de referência, estaremos urdindo os fios para tecer a teia conceitual que possa apreender uma situação de comunicação da informação no nosso próprio campo científico.

E a metáfora de Wersig para a ciência da informação será o primeiro dos fios a ser urdido no processo de tecedura do nosso texto.

---

<sup>102</sup> “... talvez o pássaro-tecelão possa vir a ser o símbolo da teoria da ciência da informação. [Pois uma vez que] todas as coisas estão conectadas de alguma maneira a ciência da informação poderia desenvolver algum tipo de **sistema de navegação conceitual** ...” Entretanto, há uma “diferença entre a ciência da informação e o *pássaro-tecelão*: este último adquiriu seus planos [de vôo] na evolução. No nosso caso o passo seguinte da evolução na ciência espera para ser dado, por alguém.” WERSIG, G., 1993, p.238 e 239. Acrescentamos o destaque em negrito.

“... as teorias são redes que lançamos para aprisionar aquilo que chamamos ‘mundo’: para racionalizá-lo, explicá-lo, dominá-lo. E cuidamos de que a malha seja cada vez mais fina.”<sup>103</sup>

## 2.2. A propósito do *pássaro-tecelão*

A proposição de Wersig, publicada em 1993 no periódico *Information Processing and Management*<sup>104</sup>, é assim descrita no resumo:

“... Se a ciência da informação considera a si mesma como ciência, deveria reconhecer-se como uma ciência que está se estabelecendo (juntamente com algumas outras, como ecologia) como protótipo de uma ciência nova ou pós-moderna. A ciência pós-moderna não se comporta como a ciência clássica, orientada para a busca do completo entendimento do funcionamento do mundo, mas pela necessidade de desenvolver estratégias para resolver, em particular, problemas que têm sido causados, em geral, pelas ciências e tecnologias clássicas. Para esta ciência, que tem que enfrentar uma nova situação teórica, são sugeridos três tipos de abordagens: (a) desenvolvimento de modelos básicos pela redefinição de conceitos científicos amplos (p.ex., "sistema", na perspectiva do conceito de ator, e "comunicação", na perspectiva do conceito de redução da complexidade); (b) reformulação científica de certos conceitos inter-relacionados, isto é, conceitos que são familiares e comuns a outras áreas científicas mas que, todavia, não surtem nesta os efeitos [que surtem] naquelas (p.ex., "conhecimento", "imagem"); e (c) entrelaçamento de modelos e conceitos inter-relacionados.”<sup>105</sup>

Wersig deixa claro que seu ponto de vista é o da ciência da informação, mas reconhece que, ao tomar como perspectiva o novo papel do conhecimento na sociedade contemporânea, pode parecer que tenha adotado a perspectiva

---

<sup>103</sup> POPPER, K.R., 1967, p.83

<sup>104</sup> WERSIG, G., 1993. Este é o texto que usamos no presente exercício.

<sup>105</sup> WERSIG, G., idem, p.239

da “filosofia da ciência” — quem sabe uma “filosofia do conhecimento”, que estaria muito próxima da também nova ciência da informação. Ele considera que, sendo bastante direcionado pela necessidade de lidar com problemas, o trabalho desse novo tipo de ciência não se restringiria a enunciados e conceitos, mas se ampliaria até a proposição de estratégias para lidar com problemas.

No campo da ciência da informação,

“... Esta necessidade exige o desenvolvimento de perspectivas que considerem a resolução de problemas internos ao campo científico e a estruturação do campo a partir dessa visão. Por outro lado, os problemas internos acontecem por causa de complexidades e contradições presentes nas situações sociais. Então, o campo teria, normalmente, uma estrutura que hoje abordaríamos como “caótica”. O próximo passo seria estruturar essa realidade caótica, descobrindo seus “atratores estranhos” e suas contradições ou relações, para então contrastar a estrutura interna dos problemas do campo com as estruturas gerais. Por fim, estratégias têm que ser desenvolvidas para lidar com problemas sob condições caóticas, usando os conceitos disponíveis, ou “atratores”, para organizá-los”.<sup>106</sup>

Wersig propõe uma visão da ciência da informação como protótipo do novo tipo de ciência, que chama de “pós-moderna”<sup>107</sup>, em oposição à ciência “moderna” [clássica]. Mas, reconhece que essa abordagem enfrenta uma luta interna ao campo da ciência da informação, em duas fronteiras: contra a percepção tradicional dos profissionais da informação (formados nas disciplinas clássicas), e contra o fato de não se ter, ainda, muita compreensão das novas disciplinas científicas (por estarmos habituados a construir sistemas de informação orientados para disciplinas tradicionais).

“... Isto nos leva a pensar nas estruturas teóricas que precisaríamos estabelecer como bases para uma tal ciência da informação. Um aspecto importante, seria o desenvolvimento de métodos a partir de perspectivas

---

<sup>106</sup> WERSIG, G., idem, p.234. Grifo nosso. Sobre a contribuição da teoria do caos à ciência da informação, ver ARAUJO, V.M.R.H. de., 1994.

<sup>107</sup> Sobre o assunto, ver: PINHEIRO, L.V.R. (Org.), 1999

internas [ao campo], sua confrontação com conceitos mais amplos, e o desenvolvimento de estratégias.

Entretanto, [como já vimos,] não se pode esperar deste novo tipo de ciência o desenvolvimento de uma teoria, ou conjunto de teorias, na acepção clássica. O problema principal é que nosso objeto de estudo se fragmentou em muitas disciplinas científicas, e então temos que lidar com todas estas partes fragmentadas, de natureza empírica ou teórica. A necessidade básica, portanto, é obter alguma avaliação sobre o campo”.<sup>108</sup>

Wersig apresenta sua proposta de abordagem dos problemas de informação para a ciência da informação, com três tipos de modelos e respectivas bases teórico-metodológicas.

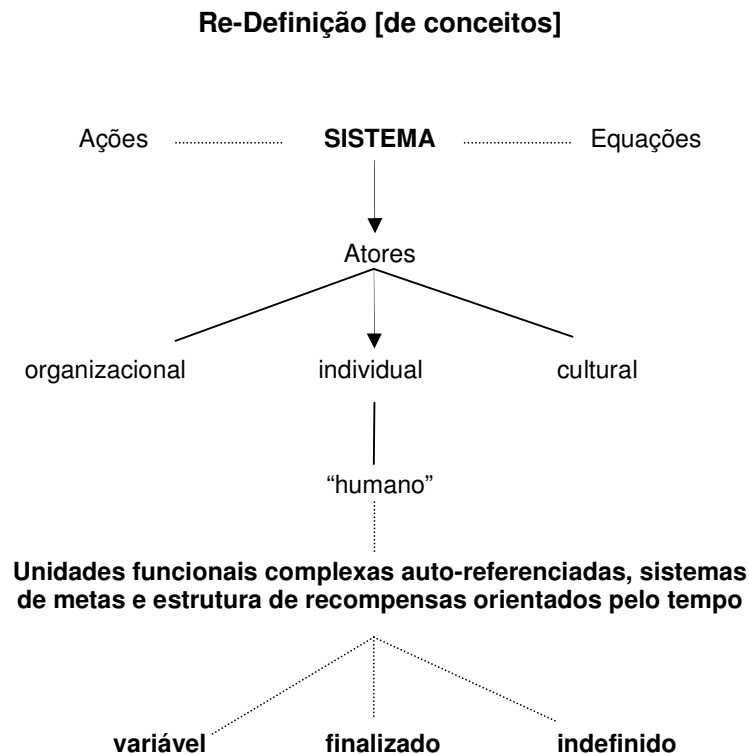
No primeiro desses modelos, propõe uma estrutura teórica orientada para a **redefinição de conceitos científicos amplos**, *redesenhados* para os propósitos do campo da ciência da informação. Dois exemplos são dados, e deles tomamos um que utiliza o conceito de "sistema". Wersig observa que, em muitos casos, este conceito é usado como se um sistema fosse algo real (como no fenômeno de reificação, descrito na literatura marxista<sup>109</sup>), mas na maioria dos casos não tem existência concreta, consiste em algo que se constrói a partir de um conceito abstrato. A figura 2, mostra o exemplo de redefinição de conceitos, a partir de “sistema”:

---

<sup>108</sup> WERSIG, G., *idem*, p.235

<sup>109</sup> Ver nota 12, no Capítulo 1.



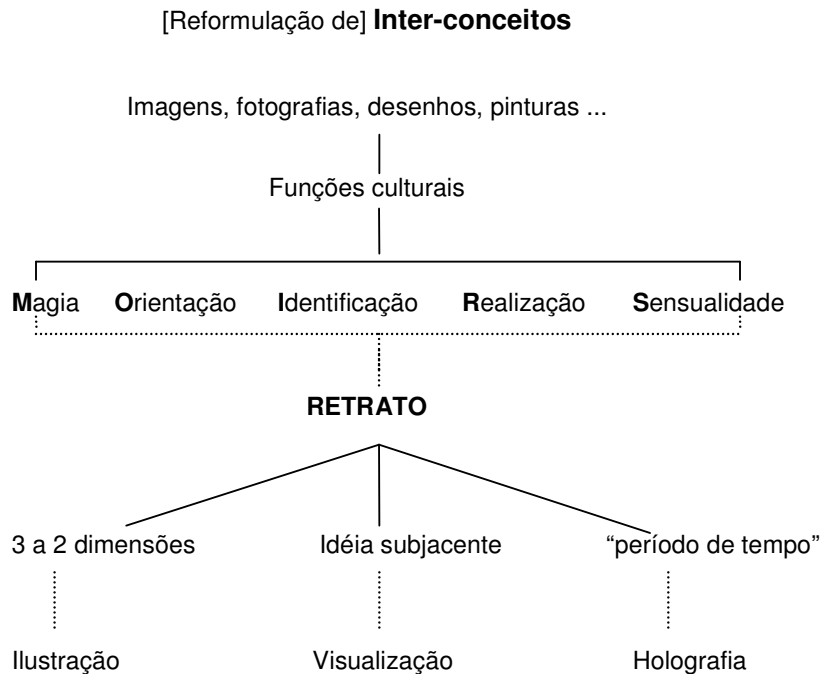


**Fig. 2** - Modelo de redefinição de conceitos  
Fonte: Wersig, 1993

Neste caso, os fundamentos para a construção da teoria devem levar em consideração conceitos existentes no campo científico mais amplo, desde que sejam pertinentes, confrontando-os com processos da realidade e indagando sobre seu potencial na ciência da informação. Considerando que a ciência da informação é uma ciência relacionada aos seres humanos e ao uso do conhecimento por eles produzido, a análise do conceito de sistema pode conduzir à necessidade de compreensão básica dos "atores sociais" no processo de transformação do conhecimento. Estes atores podem ser as pessoas individuais, organizações, ou culturas, talvez até mesmo configurações tecnológicas (para as quais se deve evitar o termo "sistema").

O segundo modelo sugerido por Wersig propõe uma estrutura teórica modelada pela **reformulação científico de “inter-conceitos”**, também *redesenhados* para os propósitos do campo da ciência da informação. Pois,

“Se olharmos nosso campo no contexto delineado acima, ... descobriremos que alguns conceitos essenciais para o necessário fundamento teórico, não são conceitos científicos estabelecidos com uma estrutura própria. ... Chamo estes conceitos de “conceitos fundamentais”, porque eles [unem] um conjunto de disciplinas tradicionais sem [que esta situação venha] a ser compreendida como transdisciplinar. Um exemplo de conceito fundamental é o conceito básico a partir do qual propus construir a compreensão de ciência da informação: “conhecimento”. ... [Esses] conceitos com auto-referência forte, ... estão presentes no discurso de muitas disciplinas, mas não têm um domicílio científico. Reformulá-los, significa procurar todas as suas incorporações, seguindo [seus indícios] até suas raízes na evolução humana ...”.<sup>110</sup>



**Fig. 3** - Modelo de análise do inter-conceito “retrato”

Fonte: Wersig, 1993

<sup>110</sup> WERSIG, G., idem, p.237

No exemplo, “retrato” é um conceito “sem domicílio científico”, que, segundo Wersig, poderia ser re-definido, na perspectiva da informação, em relação a sua apresentação gráfica, forma, conteúdo e período de ocorrência, levando-se em consideração seu valor cultural como registro do conhecimento de um ou mais aspectos da realidade.

Por fim, no terceiro dos modelos propostos, Wersig sugere para a ciência da informação uma estrutura teórica que considere menos a formulação de leis gerais e mais a de estratégias de ação, mediante uma abordagem de *entrelaçamento de conceitos científicos*. Isto porque

“[o] trabalho teórico em ciência de informação tem que ser até certo ponto um trabalho inter-conceitual, que deve ser, em certa extensão, considerado como evolucionário, sinótico, trans-disciplinar.”<sup>111</sup>

Mas Wersig reconhece que, por enquanto, o tipo de trans-disciplinaridade proposto nos modelos que sugere quase não seria encontrado no campo da ciência da informação. O que se pode esperar, segundo ele, é que os próprios modelos sugeridos — que constituem abordagens independentes — sejam, por sua vez, “entretecidos” por indivíduos ou equipes, oportunidade em que os fios soltos encontrados nos diferentes campos poderiam ser amarrados. Neste modelo, os conceitos fundamentais

“... se constituem semelhantemente a ímãs, ou “atratores”, atraindo os materiais [teóricos ou empíricos] para fora [dos seus respectivos campos científicos] e reestruturando-os dentro da estrutura científica da informação. ...”<sup>112</sup>

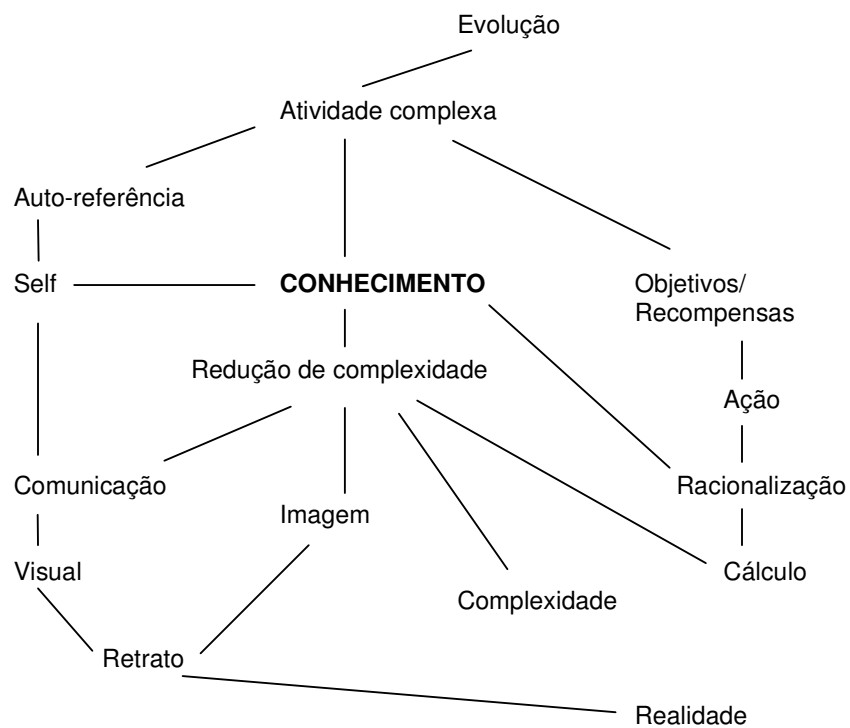
Dessa forma, seria tecida uma proto-rede de conceitos básicos em ciência da informação, a partir da qual outros indivíduos ou grupos poderiam encontrar e entretecer outros fios soltos, fazendo a rede ainda mais inclusiva e mais apertada, de modo a aumentar seu caráter científico. A estrutura de uma

---

<sup>111</sup> WERSIG, G., idem, p.237-238

<sup>112</sup> WERSIG, G., idem, p.238

rede centrada ao redor do conceito "conhecimento", tal como formulada por Wersig, é mostrada na figura 4:



**Fig. 4** – Modelo de “rede conceitual”  
Fonte: Wersig, 1993

No texto, Wersig desenvolve sua “rede” a partir da idéia de uma mudança real no papel do conhecimento para indivíduos, organizações e culturas. No nosso exercício, este modelo de abordagem será o modelo a partir do qual iremos a tecer os fios com os indícios de que o evento que escolhemos como amostra representa a *consciência possível* no campo da ciência da informação, em um dado momento histórico.

“... o cientista é um caçador do invisível. ... O que estou dizendo coloca os cientistas muito próximos aos religiosos e místicos ...”<sup>113</sup>

### **2.3. O paradigma indiciário**

Em um ensaio publicado em meados dos anos 80, o historiador Carlo Ginzburg tenta mostrar como, no final do século XIX,

“...emergiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas um modelo epistemológico [um paradigma, no sentido usado por Khun<sup>114</sup>] ao qual até agora não se prestou suficiente atenção. A análise desse paradigma, amplamente operante de fato, ainda que não teorizado explicitamente, talvez possa ajudar a sair dos incômodos da contraposição entre ‘racionalismo’ e ‘irracionalismo’”<sup>115</sup>.

Entretanto, esse paradigma, que Ginzburg chama de *indiciário*, tem raízes muito antigas, que remontariam à própria evolução da humanidade. Nas suas palavras,

“Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas.

---

<sup>113</sup> ALVES, R., 1994. p.39. Termo destacado em itálico, no original.

<sup>114</sup> KUHN, T.S., 1994

<sup>115</sup> GINZBURG, C., 1989 p.143

Gerações e gerações de caçadores enriqueceram e transmitiram esse patrimônio cognoscitivo. Na falta de uma documentação verbal para se por ao lado das pinturas rupestres e dos artefatos, podemos recorrer às narrativas de fábulas, que do saber daqueles remotos caçadores transmitem-nos às vezes um eco, mesmo que tardio e deformado. ...”<sup>116</sup>

Esse paradigma se traduz em “um saber de tipo venatório”, caracterizado pela capacidade de, a partir de dados aparentemente irrelevantes, descrever uma realidade complexa que não seria cientificamente experimentável. Pode-se acrescentar que esses dados são sempre dispostos pelo observador [caçador] de modo tal que possa se traduzir numa seqüência narrativa, cuja formulação mais simples poderia ser “alguém passou por lá”. Nesse sentido, Ginzburg coloca que a própria idéia de narração (contar uma história, descrever situações e comportamentos), distinta de outras formas de expressão, como o sortilégio, o exconjuuro ou a invocação, tenha nascido numa sociedade de caçadores, a partir da experiência da decifração das pistas:

“... O fato de que as figuras retóricas sobre as quais ainda hoje funda-se a linguagem da decifração venatória — a parte pelo todo, o efeito pela causa — são reconduzíveis ao eixo narrativo da metonímia, com rigorosa exclusão da metáfora, reforçaria essa hipótese ... O caçador teria sido o primeiro a “narrar uma história” porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos.

... Decifrar” ou “ler” as pistas dos animais são metáforas. Sentimo-nos tentados a tomá-las ao pé da letra, como a condensação verbal de um processo histórico que levou, num espaço de tempo talvez longuíssimo, à invenção da escrita.”<sup>117</sup>

Por essa associação com o registro da expressão simbólica, é que se pode falar do *paradigma indiciário* também como *divinatório*, dirigido, de acordo com as formas de saber, para o passado, o presente ou o futuro. Na direção do futuro, a arte divinatória era usada em seu sentido próprio; exclusivamente para o passado, tinha-se a jurisprudência, para o passado, o presente e o futuro,

---

<sup>116</sup> GINZBURG, C., *idem*, p.151

<sup>117</sup> GINZBURG, C., *idem*, p.152

usava-se a semiótica médica na sua dupla face, diagnóstica e prognóstica. Mas, subjacente às formas de saber divinatórias, expressas em uma etapa de evolução cultural que pressupõe o registro escrito, “entrevê-se o gesto talvez mais antigo da história intelectual do gênero humano: o do caçador agachado na lama, que escruta as pistas da presa”<sup>118</sup>.

Ginzburg compara os fios que compõem uma pesquisa desenvolvida sob o *paradigma indiciário* aos fios de um tapete. Colocados os conceitos básicos e definido o campo onde se realiza a investigação, enfim, reunidos os *indícios* ou *pistas* do objeto de estudo, a visão do observador verá tomar forma uma “trama densa e homogênea” que será tecida no tear do quadro de referência teórico. A coerência do padrão desenhado pela visão do observador é verificável “percorrendo-se o tapete com os olhos em várias direções”<sup>119</sup>. O tapete é o paradigma que, a cada vez que é usado e conforme o contexto, denomina-se *venatório*, *divinatório*, *indiciário* ou *semiótico*.

“Trata-se, como é claro, de adjetivos não-sinônimos, que no entanto remetem a um modelo epistemológico comum, articulado em disciplinas diferentes, muitas vezes ligadas entre si pelo empréstimo de métodos ou termos-chave.”<sup>120</sup>

Essa idéia, que constitui o ponto essencial do paradigma indiciário ou semiótico, penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas. Minúsculas particularidades paleográficas foram empregadas como pistas que permitiam reconstruir trocas e transformações culturais ...<sup>121</sup>

... A representação das roupas esvoaçantes nos pintores florentinos do século XV, os neologismos de Rabelais, ... são apenas alguns entre os exemplos sobre o modo como, esporadicamente, alguns indícios mínimos eram assumidos como elementos reveladores de fenômenos mais gerais: a visão de mundo de uma classe social, de um escritor ou de toda uma sociedade. ...”<sup>122</sup>

---

<sup>118</sup> GINZBURG, C., *idem*, p.154

<sup>119</sup> GINZBURG, C., *idem*, p.170

<sup>120</sup> GINZBURG, C., *idem*, p.170

<sup>121</sup> GINZBURG, C., *idem*, p.177

<sup>122</sup> GINZBURG, C., *idem*, p.178

Mas a questão que Ginzburg coloca, nesse ponto de sua argumentação, é se um paradigma indiciário pode ser rigoroso. Para ele, o tipo de rigor das ciências da natureza é não apenas inatingível mas, certamente, também indesejável para as formas de saber mais ligadas à experiência cotidiana — mais precisamente, para

“... todas as situações em que a unicidade e o caráter insubstituível dos dados são, aos olhos das pessoas envolvidas, decisivos. Em situações como essas, o rigor flexível ... do paradigma indiciário mostra-se ineliminável. Trata-se de formas de saber tendencialmente *mudas* – no sentido de que ... suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas. Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a por em prática regras pré-existentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo ... elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição”<sup>123</sup>.

Ele ressalva que, usando-se o termo “intuição” como sinônimo de processos racionais, será possível resgatar antigos conceitos que fazem parte das origens da ciência, no Ocidente:

“A antiga fisiognomonía árabe estava baseada na *firasa*: noção complexa, que designava em geral a capacidade de passar imediatamente do conhecido para o desconhecido, na base de indícios. O termo, extraído do vocabulário dos *sufi*, era usado para designar tantos as intuições místicas quanto as formas de discernimento e sagacidade ... Nessa segunda acepção, a *firasa* não é senão o órgão do saber indiciário.”<sup>124</sup>

Essa “intuição” está arraigada nos sentidos (mesmo superando os atributos biológicos) e é difundida no mundo todo, sem limites geográficos, históricos, étnicos, sexuais ou de classe — é parte integrante do gênero humano e, nesse sentido, está muito distante de qualquer forma de privilégio social. “É patrimônio dos ... caçadores, dos marinheiros, das mulheres. Une estreitamente o animal homem às outras espécies animais.”<sup>125</sup>

---

<sup>123</sup> GINZBURG, C., *idem*, p.177

<sup>124</sup> GINZBURG, C., *idem*, p.179

<sup>125</sup> GINZBURG, C., *ibidem*



Talvez por sua origem enraizada na fronteira indefinível entre natureza e cultura, o paradigma indiciário

“... pode se converter num instrumento para dissolver as névoas da ideologia que, cada vez mais, obscurecem uma estrutura social como a do capitalismo [contemporâneo]. Se as pretensões do conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a idéia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. [Pois] se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas — sinais, indícios — que permitem decifrá-la”<sup>126</sup>.

Dessa forma, o *paradigma indiciário* poderia revelar a subjetividade presente na visão do observador que investiga a realidade humana, tornando-se um dos “caminhos” através do qual o mistério da unidade subjacente à diversidade existente no mundo, objeto de todo conhecimento, pode adquirir um sentido. Pode revelar *o padrão que une* a tessitura dos fios no tear conceitual, o sentido oculto no evento observado e que interpretamos como expressão de uma “visão de mundo socialista”, no campo da ciência da informação. Mas, antes, os *indícios* de que o evento representa verdadeiramente o *sentido* que lhe atribuímos devem ser definidos em relação ao conceito de *consciência possível* — que orientará nosso olhar no amplo território da literatura da ciência da informação.

---

<sup>126</sup> GINZBURG, C., *idem*, p.177

“... Convencidos de que o trabalho científico (como a consciência em geral) é um fenômeno social que supõe a cooperação de inúmeros esforços individuais, esperamos trazer uma contribuição à compreensão ... da estrutura dos fatos da consciência e de sua expressão filosófica e literária ...”<sup>127</sup>

## 2.4. O conceito de *consciência possível*

O *Dicionário básico de filosofia* de Japiassu e Marcondes distingue, com verbete próprio, o filósofo romeno Lucien Goldmann, descrevendo-o como

“... bastante influenciado por Lukács, Max Weber, Dilthey e Jean Piaget. Tornou-se muito conhecido com sua obra *O deus escondido* [1956], na qual utilizando uma metodologia marxista, elabora uma interpretação original de Pascal e Racine ... contribuiu bastante para elucidação dos fundamentos filosóficos das ciências humanas, fundado na idéia de uma ‘*consciência possível*’ e no método dialético. Defendeu a tese segundo a qual a filosofia não é uma arquitetura dogmática ... mas um instrumento [para interpretar os fatos humanos].”<sup>128</sup>

Dantas descreve a participação de Goldmann nos Colóquios de Royaumont, quando este sugere a aplicação do conceito de *consciência possível* à comunicação e a transmissão de informações:

“Era uma reunião de cientistas para avaliar as repercussões da teoria de Shannon em outros campos do conhecimento. Na palestra que proferiu,

---

<sup>127</sup> GOLDMANN, L., 1979 (b), p.5

<sup>128</sup> JAPIASSU, H., MARCONDES, D., 1993. Verbetes à p.112. Acrescentamos o destaque, em itálico, ao texto original.

Goldmann apresentou o seu conceito de “consciência possível”, tentando explicá-lo à luz do que entendia como conceito de informação ...<sup>129</sup>

As diferentes possibilidades de reação de um indivíduo às mensagens [que] lhe [são] enviadas, explicariam porque um grupo social, recebendo mensagens que não lhe são usuais, pode alterar a sua visão de mundo e ser levado a rejeitar mensagens anteriores mais conforme à sua visão tradicional. A questão teórica e prática seria então como tornar real essa consciência possível.”<sup>130</sup>

Goldmann inicia sua palestra dizendo que, por não estar familiarizado com a teoria da informação talvez tenha dificuldade em apresentar o conceito nessa perspectiva:

“Traduzi em francês como ‘consciência possível’ um termo ... da literatura marxista alemã, o *Zugerechte Bewusstsein* [literalmente] ‘consciência calculada’, pelo pesquisador ... em referência a tal ou qual grupo social.

... é o conceito a que se refere Marx [na] passagem sobre a sagrada família, ao explicar que não se trata de saber o que pensa este ou aquele proletário, ou mesmo todos os proletários juntos, e sim qual a consciência de classe do proletariado. É a grande distinção entre consciência *real* e consciência *possível*.

Trata-se ... do fato de que, em uma conversação, ou ... em uma transmissão de informações, não existe apenas um homem ou aparelho emissor das informações e um mecanismo transmissor, mas, em alguma parte, existe também um ser humano que as recebe.

Mesmo quando o caminho é longo e passa por desvios de uma cadeia de aparelhos e máquinas, no final há sempre ... um ser humano, e sabemos que sua consciência não pode ‘deixar passar’ qualquer coisa de qualquer modo.

Esta consciência receptora é opaca a toda uma série de informações que não passam, devido a sua própria estrutura, ao passo que outras informações passam e outras ainda passam, mas de maneira deformada.”<sup>131</sup>

---

<sup>129</sup> GOLDMANN, L., 1970 p. 39. Este texto é a base a partir da qual estamos formulado este exercício, embora outros textos de Goldmann sejam, também, utilizados.

<sup>130</sup> DANTAS, M., 1994, p.66-67

<sup>131</sup> GOLDMANN, L. Ibidem

Para o estudo do problema, Goldmann propõe, “de maneira bastante empírica”, quatro níveis de abordagem<sup>132</sup>: Primeiro, acontece com frequência que uma informação não é recebida por que faltam, ao receptor, informações anteriores que o tornem apto a decodificar a mensagem e apreender o sentido, ou significado, que lhe atribuiu o emissor. O segundo nível, é aquele relacionado à estrutura psíquica do indivíduo e a sua biografia, que podem impedir a recepção e compreensão da informação, mas, tanto neste quanto no caso anterior, podem ocorrer transformações individuais que permitam o entendimento da mensagem enviada pelo emissor.

Um terceiro nível, se refere àquele problema em que um grupo social, em virtude de sua *consciência real*, resultante de seu passado e de múltiplos acontecimentos que sobre ela agiram, resiste à passagem de certas informações. Por exemplo, o caso de pesquisadores que compartilham determinado paradigma, ou tese, e que se recusam a tomar conhecimento de teorias que questionem sua abordagem. Para Goldmann, ainda aqui as dificuldades podem ser superadas por transformações individuais que permitam aos pesquisadores reconhecerem o valor de novas teorias, pois essas transformações na consciência real não colocam em questão a existência do próprio grupo social.

É no quarto nível dos problemas que surgem os “limites da consciência possível”. É o caso em que, para recepção e compreensão da mensagem, o grupo como grupo teria que desaparecer ou transformar-se a ponto de perder suas características essenciais. O que significa que, na perspectiva da comunicação social, há uma consciência receptora que não é permeável a toda uma série de informações, e por isso, muitas vezes, quando se compara o teor da mensagem que foi emitida com aquele decodificado pelo receptor, constata-se que só uma parte da mensagem foi recebida e que, mesmo esta parte, assumiu uma significação diferente da que havia sido originalmente enviada.

---

<sup>132</sup> GOLDMANN, L., *idem*, p.41

Assim, na perspectiva da *consciência possível* o problema não é saber o que pensa um grupo [um receptor de mensagens] mas quais são as mudanças suscetíveis de serem produzidas em sua consciência, sem que haja modificação na natureza essencial do grupo.<sup>133</sup> Em outros textos, Goldman apresenta exemplos de eventos para os quais oferece uma análise baseada no conceito de consciência possível:

“... Quando em 1917, Lênine, para o escândalo da maioria dos socialistas ocidentais, preconizou a distribuição de terra aos camponeses, o que parece contrário a todo programa socialista, simplesmente levou em conta o fato de que o operário russo necessitava, para a Revolução ter bom êxito, da aliança com o campesinato pobre e os diaristas agrícolas, e de *que a coletivização agrícola ultrapassava a consciência possível* dos camponeses numa sociedade não socialista. Do mesmo modo ... durante a Revolução Francesa, a exigência de igualdade *jurídica* representava o máximo de consciência possível para a burguesia; a compreensão do fato de que a igualdade jurídica é puramente formal e em nada garante a igualdade econômica, ultrapassava a consciência possível da burguesia revolucionária.<sup>134</sup>

Se passamos para o domínio do pensamento científico, mencionarmos um exemplo célebre, o do *Quadro Econômico* de Quesnay, absolutamente incompreensível para os economistas burgueses até a Primeira Guerra Mundial. E não era por acaso.”<sup>135</sup>

---

<sup>133</sup> GOLDMANN, L., *ibidem*

<sup>134</sup> GOLDMANN, L., 1979 (a), p.86-88. Termos em itálico, no original. No debate que se seguiu a sua palestra em Royaumont, Goldman acrescenta que “... Lênin afirmava que, independentemente de seu conteúdo de verdade, por razões derivadas do máximo de consciência possível ao campesinato russo da época, tal afirmação não poderia, de forma alguma, ser compreendida e aceita pela massa de camponeses, ao passo que uma outra mensagem, como esta: *‘vale a pena vocês mudarem de opinião a respeito do tzarismo’*, tinha pelo contrário, dada a situação, grandes possibilidades de ser aceita” (p. 51. Termos em itálico, no original). Sobre o *Quadro Econômico*, Goldman coloca que quando Quesnay formulou sua *“genial esquematização das relações econômicas entre as classes sociais”*, criando a própria ciência econômica, os fisiocratas estavam “perfeitamente conscientes da importância dessa descoberta”. Entretanto, Adam Smith, “aluno direto de Quesnay e fundador da economia liberal”, omitiu qualquer traço dessa abordagem no seu *Riqueza das Nações*. Isso denota, para Goldman, que “o problema das relações econômicas de conjunto entre as classes sociais ultrapassava a *consciência possível* da burguesia liberal”. GOLDMANN, L., 1979 (a), p.100. Termos em itálico, no original.

<sup>135</sup> GOLDMANN, L. 1979 (a), p.86-88. Termos em itálico, no original.

Goldmann coloca que isso decorre do fato de que, desde as sociedades mais antigas até a sociedade atual, a natureza do conjunto das relações entre os indivíduos e o resto da realidade social é de tal ordem que constitui, continuamente, uma certa estrutura psíquica, em grande parte comum aos indivíduos que formam a mesma classe social. Essa estrutura psíquica tende para uma certa visão coerente e para um máximo conhecimento de si e do universo — o que implica limites, mais ou menos rigorosos, nesse conhecimento e nessa compreensão.

“[Pois] o *homem se define por suas possibilidades*, por sua tendência para a comunidade com outros homens e para o equilíbrio com a natureza. A comunidade autêntica e a verdade universal exprimem essas possibilidades por *longuíssimo período da história*; a “classe para si” (oposta à classe em si), o máximo de consciência possível, exprimem possibilidades no plano do pensamento e da ação *numa estrutura social dada*.”<sup>136</sup>

Goldmann ressalta que as classes são os únicos grupos cujas escalas de valores são específicas, “porque cada uma delas visa um ideal diferente de organização social de conjunto”, de forma que até colaborações que possam surgir entre classes não podem ser mais do que um meio provisório e temporário para atingir fins essencialmente diferentes<sup>137</sup>. E acrescenta, “a título de hipótese”, que talvez se possa distinguir as *ideologias* das *visões do mundo* precisamente “pelo caráter parcial e, por isso mesmo, deformador das primeiras e total das segundas”. Isso permitiria a vinculação, seja na sociedade medieval ou na sociedade moderna, das visões do mundo às classes sociais que possuam um ideal visando o conjunto da humanidade e não apenas seus interesses imediatos como classe.

Assim, as visões do mundo são fatos sociais e as grandes obras filosóficas e artísticas configuram expressões coerentes e adequadas dessas visões do mundo. São expressões individuais e sociais ao mesmo tempo,

---

<sup>136</sup> GOLDMANN, L., *idem*, p.99. Termos em itálico, no original.

<sup>137</sup> GOLDMANN, L., *idem*, p.99-100

“[um] sistema de pensamento que, em certas condições, se impõe a um grupo de homens que se encontram em situações econômicas e sociais análogas, isto é, a certas classes sociais. Os filósofos [cientistas] e o escritor pensam ou sentem esta visão até suas últimas consequências e a expressam, através da linguagem, no lado conceitual ou sensível.”<sup>138</sup>

... Ora, para isso, é necessário que [esta visão] exista ou que, pelo menos, esteja em curso de nascimento ...”<sup>139</sup>

Neste ponto, ao falar de expressão de uma consciência coletiva, Goldmann faz uma ressalva: um comportamento ou uma obra só se tornam expressão da consciência coletiva, à medida que a estrutura que exprimem não seja particular ao seu autor, mas, sim, comum aos diferentes membros constituintes do grupo social.

“... os grandes escritores *representativos* são aqueles que exprimem, de uma maneira mais ou menos coerente, uma visão do mundo que corresponde ao máximo de consciência possível duma classe; é o caso sobretudo dos filósofos, escritores e artistas. Para o [cientista] a situação às vezes se apresenta diferente. Sua tarefa essencial é chegar ao conhecimento mais vasto e mais adequado da realidade. Ora, precisamente a mencionada independência *relativa* do indivíduo em relação ao grupo permite-lhe, em certos casos, corrigir os limites duma visão por conhecimentos adequados, ... ou ainda ampliar os limites da consciência real da classe, numa dada época, pelas *possibilidades* gerais dessa classe no conjunto do período histórico.”<sup>140</sup>

É o caso que supomos ter acontecido com o texto de Wersig e Neveling, no campo científico da ciência da informação. Em Royaumont, Goldmann encerrou sua explanação dizendo acreditar que

“... com estas observações, breves e esquemáticas, sobre o conceito do máximo de consciência possível, abordamos um dos mais importantes instrumentos conceptuais para o estudo da vida social em geral e da transmissão de mensagens, em particular.

---

<sup>138</sup> GOLDMANN, L., 1979 (b), p.73

<sup>139</sup> GOLDMANN, L., *idem*, p.74

<sup>140</sup> GOLDMANN, L., 1979 (a), p.99 a 100. Texto em itálico, no original.

... mas se dispomos, para utilizá-lo, de alguns elementos metodológicos, ainda há muito que fazer para esclarecer um pouco tais problemas”.<sup>141</sup>

Ele admitiu que, depois de quase vinte anos de trabalho com o conceito de *consciência possível*, ainda estava longe da definição de um modelo teórico-operatório para sua aplicação.

“... utilizamos ... esse conceito de consciência possível de forma mais empírica que metódica e ..., embora tenhamos algumas idéias que nos permitem orientar-nos, estamos ainda longe de tê-lo definido com tal precisão que permita um trabalho coletivo em que cada um conhecesse já exatamente as regras a serem aplicadas.”<sup>142</sup>

Pela importância do conceito e pela reconhecida inexistência de regras é que nos decidimos, no presente exercício, propor a utilização do conceito de *consciência possível* a partir da adoção e adaptação do modelo de “rede conceitual” de Wersig, como explicitado na figura 5.

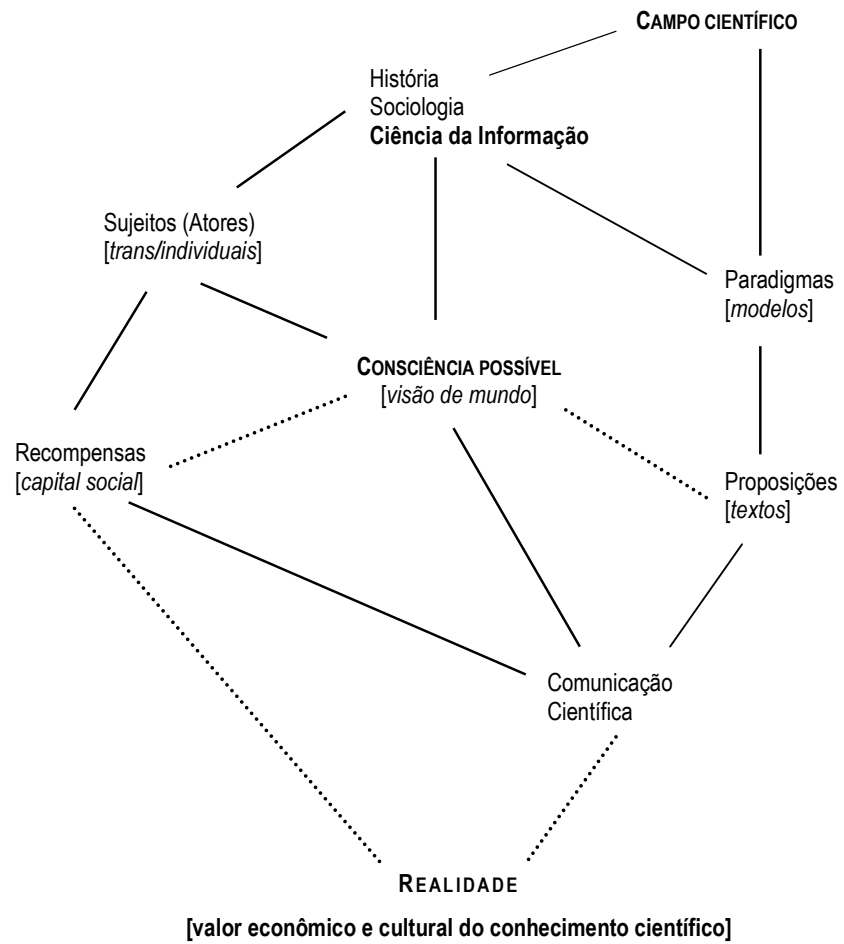
Nosso propósito será, por um lado, avaliar a proposição da ciência da informação como sistema de navegação conceitual; e, por outro lado, tecer — a partir dos fios urdidos com conceitos da sociologia, da história e da própria ciência da informação — uma rede que não apenas “aprisione” mas que, em especial, revele o padrão invisível que une os sinais de uma *consciência possível* no campo da ciência da informação.

---

<sup>141</sup> GOLDMANN, L., 1970, p. 39

<sup>142</sup> GOLDMANN, L., *ibidem*





**Fig. 5** - Adaptação do modelo de Wersig, tendo como *atrator* o conceito *consciência possível* (Goldmann). Freire, 2001